

**MOVIMENTOS SOCIAIS E CULTURA AFRICANA NO ESTADO DO CEARÁ:
CASO DOS ESTUDANTES DA GUINÉ-BISSAU/ÁFRICA**

Antonio Correia Junior

Mestrando - UFC

E-mail: antonio.correiajunior@hotmail.com

Edson Vicente da Silva

Professor Titular do Departamento de Geografia – UFC

E-mail: cacauceara@gmail.com

INTRODUÇÃO

Os movimentos sociais africanos, no Estado do Ceará, surgiram em 2010, promovidos pelos estudantes guineenses, na maioria, discentes de instituições privadas, que enfrentaram dificuldades econômicas, comprometendo o delineamento dos seus processos de formação. Tais dificuldades se desencadearam, dentre outros fatores, pelo descumprimento de acordo firmado entre estes e as respectivas instituições de ensino privado, escolhidas para a efetivação das suas formações acadêmicas. Na tentativa de minimizar os problemas, os alunos se articularam em busca dos seus direitos, como possibilidade para continuar com os estudos, dando origem ao primeiro movimento social estudantil africano no Estado. As dificuldades econômicas que estudantes enfrentavam, na altura, eram: pagamento de aluguel, luz, água, mensalidades das faculdades, e até compra de alimentos. Isso tudo porque as instituições privadas não honraram compromissos assumidos com estudantes, como viabilizar moradias.

Os preços dos cursos inicialmente oferecidos eram bem menores, mas, os dirigentes passaram a cobrar juros, sem citar os aumentos das mensalidades semestrais; nos panfletos informativos, os preços das mensalidades eram fixos, até o término do curso e, ainda, no momento de assinatura do acordo, os dirigentes disseram para os pais dos estudantes que USD100 era suficiente para manter aluno por todo um mês, pagar faculdade, aluguel e lazeres. Com passar tempo, os alunos começaram perceber aquilo que os empresários tinham oferecido era propaganda enganosa. E quando o aluno atrasava o pagamento de mensalidades das faculdades, as mesmas não liberavam a declaração para

aluno poder efetuar a sua renovação do visto na Polícia Federal (PF), que culminava com a perda do visto de estudo e o aluno terminava por ficar na situação irregular no Brasil.

Então, o Movimento Pastoral Africano resolveu decidir a questão na justiça, acompanhado pelo escritório de direitos humanos e assessoria jurídica popular Frei Tito e de Procuradora Federal Dr^a Nilce Cunha, que levou o caso para o Ministério da Justiça. Dois meses depois, o Governo Federal deu a anistia a todos os estudantes que tinham perdido os vistos e a Procuradoria Federal notificou as faculdades para assinar um termo de ajustamento de condutas (TAC), onde os estudantes continuariam a pagar os mesmos valores anunciados no ato do vestibular, no país de origem.

Ao longo desses processos, o Movimento Pastoral Africano, teve apoio da Pastoral dos Migrante, da Associação dos Estudantes Africanos no Ceará (AEAC), Escritório de Direitos Humanos e Assessoria Jurídica Popular Frei Tito e Igreja da Nossa Senhora das Dores, onde o Movimento Pastoral Africano tem se reunido, até data presente. Este artigo tem como objetivo principal relatar sobre movimentos sociais e cultura africana no Estado do Ceará: o caso dos estudantes da Guiné-Bissau/África e abusos, preconceitos e racismo que estudantes africanos sofrem neste estado brasileiro.

METODOLOGIA

Neste trabalho, a metodologia empregada consiste principalmente em revisões bibliográficas e, para obtenção de dados, utilizou-se também a entrevista semi-estruturada com os estudantes africanos, em Fortaleza-Ce, a fim de captar suas percepções e suas trajetórias acadêmicas, inserção social e o racismo em Fortaleza. Foram entrevistados mais de 50 estudantes, porém, apenas 04 entrevistas foram selecionada para a pesquisa. Elas foram realizadas em dois períodos: de Fevereiro de 2015 a Julho de 2015, e de Abril de 2016 a Agosto de 2016. As idades dos entrevistados/as, variam, de 19 a 35 anos, entre as mulheres e os homens.

CONQUISTAS/PARTICIPAÇÃO E AS ATIVIDADES REALIZADAS PELO MOVIMENTO PASTORAL AFRICANO

O Movimento Pastoral Africano, durante anos de dedicação e luta pelo bem-estar comum dos estudantes, esteve usando sua simplicidade e Fé em Deus, e vem conquistando seus direitos como estudantes estrangeiros, no Estado do Ceará. Ao longo

da sua história, o citado movimento foi convidado a participar de eventos nacionais e internacionais, por exemplo: como participante de cúpula dos povos na Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável (CNUDS), conhecida também como Rio+20, realizada entre os dias 13 e 22 de junho de 2012, no Rio de Janeiro. Também participou do II Encontro Brasileiro de Universitários cristãos (EBRUC), em Curitiba PR, nos dias 12, 13, e 14 de outubro de 2012, promovido pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), por meio do Setor Universidades da Comissão Episcopal Pastoral para Educação Cultural, e da Associação Nacional de Educação Católica do Brasil (ANEC), e teve o apoio do Grupo Marista, Pastoral da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), Arquidiocese de Curitiba e Pastoral Juvenil Marista.

Nesse meio, pode-se destacar a participação nas atividades da comemoração do dia da Consciência Negra que acontece no conjunto do Ceará, em Fortaleza, em todos os anos. Além disso, a equipe promove animações das missas, em diferentes paróquias, na cidade, e demais regiões metropolitanas.

Além das participações do Movimento Pastoral Africano nos encontros nacionais e internacionais, o movimento tem vindo a ajudar os estudantes africanos na resolução dos problemas que afetam os seus estudos, tais como, as irregularidades das faculdades com os estudantes africanos, processos de denúncia contra as faculdades e, por conseguinte, a renovação dos vistos dos estudantes irregulares. Atualmente, o Movimento Pastoral Africano conta com mais de 400 associados de diferentes gêneros.

CULTURAS AFRICANAS NAS DIÁSPORAS

O africanismo, revisitado e ressignificado nas experiências das diásporas africanas, possibilita-nos compreender as experiências de negros e negras que vieram para o Brasil na condição de não cidadãos, atravessam a nossa história, por caminhos diversos e, nos dias atuais, redefinem-se em uma identidade forjada, num processo de luta e construção que define a consciência de um duplo pertencimento: o ser negro como raça; e ser afro-brasileiro como povo e cidadão.

A África geograficamente esconde um misterioso e curioso continente cheio de diversidades e maravilhas, não obstante, é apenas a deficiência econômica que é anunciada nos documentários e reportagens que se espalham pela mídia. Neste contexto de diferentes países e etnias, cada país tem a sua própria cultura, músicas e danças. Apesar de suas diferentes diversidades culturais, os africanos têm algumas músicas e culturas

comuns. Mas, uma das vezes, quando um africano sai do seu país de origem, deixa de praticar muitas de suas manifestações, por causa de limitação ou espaço livre para praticarem suas culturas ou religiões.

No que se refere ao legado cultural dos africanos para a formação da identidade nacional, Nascimento (2002, p. 142) diz que:

A assimilação cultural é tão eficiente que a herança da cultura africana existe em estado de permanente confrontação com o sistema dominante, concebido precisamente para negar suas fundações e fundamentos, destruir ou degradar suas estruturas. (...) Tanto os obstáculos teóricos quanto os práticos têm impedido a afirmação dos descendentes africanos como íntegros, válidos, auto-identificados elementos constitutivos e construtores da vida cultural e social brasileira. Pois realmente a manifestação cultural de origem africana, na integridade dos seus valores, na dignidade de suas formas e expressões, nunca teve reconhecimento no Brasil, desde a fundação da colônia, quando os africanos e suas culturas chegaram ao solo americano.

O Brasil foi o principal importador de escravizados africanos, oriundos da África Central e Ocidental, durante o período em que este comércio era legal. Da África para o Brasil, foram importados milhões de escravos africanos, isso fez com que o Brasil pudesse se beneficiar com a cultura africana, assumindo uma formação cultural afro-brasileira com os africanos que imigraram para o Brasil, também nos últimos anos. Hoje, existem mais de 30 mil imigrantes africanos no Brasil, que vieram de diferentes países da África, assim o Brasil poderia aproveitar a presença desses imigrantes para promover eventos culturais, carnavais, divulgar a cultura africana, com suas danças, ensinar histórias africanas e estimular mais intercâmbios com países africanos.

Para Gomes (2012), precisamos estudar e realizar pesquisas para compreender mais sobre a história da África e da cultura afro-brasileira para aprender a nos orgulhar da marcante, significativa e respeitável ancestralidade africana no Brasil, compreendendo como esta se faz presente na vida e na história de negros, índios, brancos e amarelos brasileiros.

RACISMO SOB O OLHAR DOS ESTUDANTES AFRICANOS EM FORTALEZA/BRASIL

O racismo é pensamento ou atitude que separa as raças humanas por algumas se considerarem superiores a outras, discriminando, por exemplo, cor da pele. O racismo é um preconceito baseado na diferença de raças, das pessoas. Pode ser contra índios, negros, asiáticos e até com brancos, por parte de outras raças, e quem mais sofre com o

racismo e preconceitos são pessoas de pele negras das camadas mais pobres. É por isso que os negros são principais referências quando é discutido o tema do racismo. Portanto, os africanos que vieram para estudar no Brasil não foram excluídos do racismo, como relatam os estudantes entrevistados.

O entrevistado 1, morador de Fortaleza, de 33 anos, formado em Administração, disse que:

Eu fui discriminado pela cor, pela origem de ser africano porque quando eu atravessava a rua, a pessoa saía correndo, como eu pudesse assaltá-la, algumas me xingavam, me chamavam de negro feio. E depois, fiquei sabendo que, no Brasil, ser negro é sinônimo de pertencimento a determinado grupo racial e, portanto, o racismo, é o elemento ideológico que aglutina e identifica todas as demais formas correlatas de discriminação.

Entrevistado 2, cidadão de 30 anos, relatou que:

Eu fui acusado do roubo no supermercado bem conhecido da capital da Fortaleza, por uma funcionária e segurança do próprio supermercado, de que havia produtos na minha sacola que não foi pago no caixa, e começaram de me chamar de ladrão, vagabundo, fui humilhado e, ao tirar comprovante das compras que tinha no bolso, simplesmente eles se esconderam. O gerente queria me subornar com dinheiros, mas eu não aceitei, levei o caso para proteção ao consumidor e defensoria pública, mas, até hoje, ninguém é capaz de resolver esse problema. Infelizmente assim que é o racismo no Brasil.

O entrevistado 3, rapaz 28 anos, informou que:

Um colega meu, brasileiro, afirmou que na universidade onde eu estudo de que os africanos não deveriam vir estudar aqui no Brasil, e perguntei a ele porque, mas aqui na universidade não estuda somente os africanos também tem europeus, americanos no caso do Sul Americanos? Ele me respondeu assim, eles pagam países deles pagam, falei para ele, nós também pagamos os nossos países também pagam tanto quem estuda na Federal como quem estuda no sistema privado, falei para ele: você esta sendo preconceituoso com africanos ele me disse mas eu tenho amigos africanos, respondi: é assim que se tratam os amigos!

O entrevistado 4, de 35 anos, falou que:

Quando eu cheguei a Fortaleza pela primeira vez, fui ao centro fazer compras, logo nas calçadas, vi um homem vendendo bonés fui perguntar a ele quando custa o boné, antes de eu terminar falar, e ele dizia assim, para mim, não tenho, não tenho, parece que eu estava pedindo alimentos para ele e virei para falar com a uma moça que estava ao lado e ela saiu correndo. E fui ao ônibus, ao sentar ao lado

da moça, ela simplesmente se levantou e ficou de pé, como se fosse eu estava fedendo ou assaltá-la. Isso não tem no meu país, todos são iguais, todos tem o mesmo trato.

Nas falas dos entrevistados, dá para perceber que as maiorias estudantes africanos sofrem muito com o racismo e preconceitos em Fortaleza, tantos nas vias públicas, nas faculdades, como nos postos de trabalhos. Além de preconceitos e do racismo, há outras preocupações de violências, agressões físicas. Já houve quatro mortes por agressão física, em Fortaleza, o primeiro caso foi um cidadão de Cabo-Verde, em 2010, que foi agredido e acabou por falecer no Instituto José Frotas (IJF). O segundo caso foi o cidadão da Guiné-Bissau, em 2015, que foi atropelado por ônibus, sem receber socorro, acabou por falecer no local. Terceiro caso, de novo, um cidadão de Cabo-Verde, em 2015 foi perseguido e atropelado por um motorista, alegando que o rapaz estava olhando para esposa dele. A quarta foi recentemente, em 2016, com uma cidadã de Cabo-Verde, que foi baleada na cabeça por seu namorado, policial militar. O cearense, segundo as informações apuradas por familiares da vitimas, o policial estava com ciúme dela. E todos esses casos citados ainda estão em segredo na justiça do Ceará e os criminosos estão soltos.

Para Edson Borges, Carlos Alberto Medeiros e Jacques d'Adesky (2002), o racismo é um comportamento social que está presente na história da humanidade e que se expressa de variadas formas, em diferentes contextos e sociedades. Segundo eles, o racismo se expressa de duas formas interligadas: a individual e a institucional.

Na forma individual, o racismo manifesta-se por meio de atos discriminatórios cometidos por indivíduos contra outros indivíduos; podendo atingir níveis extremos de violência, como agressões, destruição de bens ou propriedades e assassinatos. E a forma institucional do racismo, ainda segundo os autores citados, implica práticas discriminatórias sistemáticas, fomentadas pelo Estado ou com o seu apoio indireto. Elas se manifestam sob a forma de isolamento dos negros, em determinados bairros, escolas e empregos.

Segundo Kabengele Munanga, esse entendimento poderá nos ajudar a desvendar a especificidade do racismo em nosso país e compreender melhor os próprios discursos anti-racistas que reúnem tanto os pensadores da chamada direita, quanto os da esquerda (MUNANGA, 1994).

O racismo na nossa sociedade ocorre de um modo muito discrepante ou peculiar, ele se afirma através da sua própria negação.

O entrevistado 5, de 29 anos, representante dos estudantes da Guiné-Bissau, nos disse que:

Falar do preconceito no Brasil é um pouco complicado, por ser muito sutil e difícil de compreender, o preconceito aqui no Brasil ela vem acompanhado do racismo, aqui no Brasil ninguém é preconceituoso e nem racista, mesmo percebendo isso nas falas das pessoas e nos gestos, quando percebes e parte para tomar satisfação, a pessoa diz eu não sou racista, até porque minha mãe é negra, tenho famílias negras como é que vou ser racista se não faço isso com minha família. Mas na verdade existe em todos os cantos, e dá para entender primeiro quando andas numa calçada sozinho e tem alguma pessoa só na sua direção ele muda logo com medo de ser assaltado, e têm outros que até corre com medo, porque tem um negro atrás, ou a frente dele que a qualquer momento poderá lhe assaltar.

Segundo a antropóloga Nilma Lino Gomes (2012), o racismo no Brasil é alicerçado em uma constante contradição. A sociedade brasileira sempre negou insistentemente a existência do racismo e do preconceito racial, no entanto, as pesquisas atestam que, no cotidiano, nas relações de gênero, no mercado de trabalho, na educação básica e na universidade e outros setores, os negros ainda são discriminados e vivem uma situação de profunda desigualdade racial quando comparados com outros segmentos étnico-raciais do país (GOMES, 2012).

E, ainda, na mesma fala da autora, quanto mais a sociedade, a escola e o poder público negam a lamentável existência do racismo entre nós, mais o racismo existente no Brasil vai se propagando e invadindo as mentalidades, as subjetividades e as condições sociais dos negros. O abismo social entre negros e brancos no Brasil existe de fato. As pesquisas científicas e as recentes estatísticas oficiais do Estado brasileiro, que comparam as condições de vida, emprego, saúde, escolaridade, entre outros índices de desenvolvimento humano, vividos por negros e brancos, comprovam a existência de uma grande desigualdade social em nosso país. Essa desigualdade é fruto da estrutura racista, somada à exclusão social e à desigualdade socioeconômica que atingem toda a população brasileira e, de um modo particular, o povo negro.

Quando um africano entra no *shopping* ou no supermercado, os seguranças começam logo lhe acompanhá-lo por todos os cantos onde ele encaminha, pelo fato de ser estrangeiro e negro, é sinônimo de suspeito de roubo. Mesmo tendo muitas pessoas no supermercado, que pelo fato serem brancos, não são seguidos por seguranças, pois o roubo sempre é associado aos negros.

As mídias brasileiras também contribuíram muito para isso, principalmente na desinformação das pessoas, quanto à questão do continente africano, poucos brasileiros sabem que a África é um continente. Quando fazem reportagem sobre o continente africano, primeira coisa que se fala, ao chegar em qualquer país do continente africano, é que estamos na África. Quando se está em um país da América ou da Europa, não dizem estou ou estamos na Europa ou na América, mas, sim, estou em Canadá, Chile, EUA, Argentina, caso se encontre na Europa, estou em Portugal, Espanha, França. Porém, quando se fala sobre África, o que vem nas mentes dos majoritários brasileiros é um país com diferentes estados, como Brasil, e quando se mostra qualquer assunto sobre um país africano, é só as savanas, miséria, fome e doença, nunca se mostram as grandes cidades, as indústrias dos países africanos, as culturas, as tradições, as riquezas. Só mostram partes negativas, pois a pobreza, misérias, fome, existem em todos os continentes, e seus respectivos países. Isso acaba contribuindo para esses atos do racismo e preconceito, sobre africanos, pois são considerados como pessoas que vem do continente miserável, porque isso que as mídias brasileiras mostram.

SER IMIGRANTE, SER ESTUDANTE FORA DO SEU PAÍS DE ORIGEM

Para Almeida (2016), desde o surgimento das humanidades, há milhares de anos, no continente africano, a busca por sobrevivência sempre foi um dos principais objetivos das pessoas que migravam. Por conta disso, as primeiras sociedades eram nômades, pois migravam sempre em busca daquilo que havia se esgotado por onde já tinham passado. Hoje, na era da globalização, mais do que nunca, as migrações se dão, por conta dos fatores econômicos, que é a busca por emprego, por melhores salários, por melhores condições de vida, por meio de estudos, a busca de profissão e por condições de refúgios. Exatamente isso que aconteceu com imigrantes jovens africanos que escolheram Brasil como seus destinos para melhorarem as suas condições de vida, quer por meio de estudo, de trabalho e de refúgio. Mas, para olhares da maioria da sociedade brasileira, os africanos são vistos como marginais, vieram para tirar suas oportunidades dos empregos e vagas dos seus filhos nas Universidades Federais, da mesma maneira que acontece, hoje, na Europa. Também são vistos por alguns brasileiros como sujeitos que se beneficiam de Governo Federal por estarem no Brasil. Pois o que é visto como benefícios por brasileiros e pelos estudantes, aqui considerados, tem a ver com mecanismos legais, acordos bilaterais e proteção internacional por parte de órgãos como

Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR), Ministério da Justiça (MJ), Itamarati, Polícia Federal (PF) Cáritas (organização católica), Pastoral dos migrantes (PM), entre outras. O Brasil tem acordos internacionais com países africanos e da América Latina para facilidades de acesso à educação, nomeadamente graduação e pós-graduação.

Para Gusmão (2005) e Subuhana (2005), é possível afirmar que a imigração desses estudantes faz parte de um projeto nacional de desenvolvimento, em seus respectivos países de origem, em estreita relação com acordos de cooperação com o Estado brasileiro.

A busca da realização do sonho do ensino superior e qualificação profissional, desde o Período Colonial, até os dias de hoje, fez com que muitos jovens africanos deixassem seus países de origens, para alcançar o sonho de ter um diploma internacional e retornar ao seu país para dar a sua contribuição no desenvolvimento do seu próprio país.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluimos que é de fundamental importância a existência do Movimento Social Africano, no Ceará, para o fortalecimento do espírito e identidade africana, no processo de inclusão social, e na conquista de direitos, visando ao bem comum, lutando sempre para a erradicação das discriminações raciais e do preconceito institucionais, como vem acontecendo com as lutas para afirmação dos direitos e garantia de acessos às instituições de ensino público e privado, no Ceará e, assim, defender os direitos de todos os estudantes africanos.

A diversidade cultural está presente em todas as sociedades e a questão racial brasileira localiza-se dentro do amplo e complexo campo da diversidade cultural. Por isso, refletir sobre a questão racial brasileira não é algo particular que deve interessar somente às pessoas que pertencem ao grupo étnico/racial negro. Ela é uma questão social, política e cultural de todos. Ou seja, é uma questão da sociedade brasileira e também mundial, quando ampliamos a nossa reflexão sobre as relações entre negros e brancos, entre outros grupos étnico-raciais, nos diferentes contextos internacionais.

A maioria dos imigrantes africanos que vieram para o Brasil são estudantes, alguns através de acordos bilaterais firmados entre o Brasil e África para estudar nas instituições federais ou estaduais e alguns, por conta própria ou com ajuda da família, e

muitos desses alunos que vieram, por conta própria, são os que se encontram em condições de vulnerabilidade quando familiares param de enviar dinheiros.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Regis Rodrigues De. "**Tipos de migração**"; **Brasil Escola**. Disponível em <<http://brasilecola.uol.com.br/geografia/tipos-migracao.htm>>. Acesso em 24 de agosto de 2016.

BORGES, Edson, MEDEIROS, Carlos Alberto e d'ADESKY, Jacques. **Racismo, preconceito e intolerância**. (Orgs.) São Paulo: Atual, 2002.

GOMES, Nilma Lino. **Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil**: Uma breve discussão, 2012.

GUSMÃO, Neusa M. M. de. **Diáspora africana: vida de imigrantes e estudantes em PortugalnoBrasil**.http://www.abant.org.br/conteudo/ANAIS/CD_Virtual_26_RBA/mesas_redonds/trabalhos/MR%2003/Neusa%20Maria.pdf Acesso em 30 de Novembro de 2015.

MUNANGA, Kabengele e GOMES, Nilma Lino. **Para entender o negro no Brasil de hoje**: história, realidades, problemas e caminhos. São Paulo: Global; Ação Educativa, 2004.

NASCIMENTO, Elisa Larkin (Org.). **Sankofa: matrizes africanas da cultura brasileira**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1996.

SUBUHANA, C. **Estudar no Brasil: imigração temporária de estudantes moçambicanos do Rio de Janeiro**. 2005. 210 p. Tese (Doutorado em Serviço Social) Escola de Serviço Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.